

ARTIGO | RELATO DE CASO
REPRODUÇÃO ANIMAL



REVISTA
INVESTIGAÇÃO
medicina veterinária

USO DA AGLEPRISTONE NO TRATAMENTO DE PIOMETRA EM CADELA COM GESTAÇÃO NO ESTRO SUBSEQUENTE

Use of aglepristone for treatment of pyometra in bitch with pregnancy in the subsequent estrus

Beatrice I. Macente^{1*}, Raquel R. Gutierrez¹, Maricy Apparício¹, Cleber F. M. Mansano², Luciana C. Padilha¹,
Caio de F. Tiosso¹, Gilson H. Toniollo¹

¹Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Reprodução Animal, Unesp - Câmpus de Jaboticabal, São Paulo, Brasil

²Departamento de Zootecnia, Unesp – Câmpus de Dracena, São Paulo, Brasil

RESUMO

O objetivo deste relato é documentar um caso de uma cadela reprodutora de dois anos com piometra aberta submetida ao tratamento com o antiprogestágeno aglepristone. O protocolo utilizado resultou em regressão completa da distensão uterina e preservação da capacidade reprodutiva, constatada pela gestação e nascimento de filhotes saudáveis no ciclo subsequente. O acompanhamento do animal até um ano após o início do tratamento confirmou a ausência de recidiva.

Palavras-chave: antiprogestágeno, cães, fêmeas.

ABSTRACT

The aim of this case report is to document a case of a two years old bitch presented with open pyometra treated with the antiprogesterone aglepristone. The protocol employed resulted in complete regression of dilated uterine horns and preservation of reproductive capacity, which was verified by the pregnancy followed by the birth of healthy puppies in the subsequent cycle. The follow up of the animal until one year after the beginning of the treatment confirmed the absence of recurrence.

Keywords: antiprogesterone, dogs, females.

INTRODUÇÃO

A piometra, patologia endócrino-hormonal, tem a progesterona como responsável por tornar o útero susceptível a processos inflamatórios decorrentes da infecção por bactérias, levando a formação de pus (GRUNERT et al., 2005). Ocorre com maior incidência em fêmeas com mais de quatro anos (CHAISTEIN et al., 1999), principalmente entre 1-4 meses após o estro, iniciando com sinais clínicos brandos, mas sendo percebida pelos proprietários quando em estágios avançados (SMITH, 2006).

O tratamento de eleição é a ovário-histerectomia (OH), mas este impossibilita a continuidade reprodutiva do animal. Portanto outros tratamentos têm sido desenvolvidos visando a manutenção da capacidade reprodutiva, dentre os quais destaca-se o uso de prostaglandinas naturais ou sintéticas, antagonistas da dopamina e os antiprogestágenos (TRASCH et al., 2007).

A aglepristone é um esteroide sintético que compete pelos receptores da progesterona causando contração uterina e relaxamento da cérvix (VERSTEGEN, 2008), sendo, portanto, uma opção no tratamento da piometra, com baixa incidência de efeitos colaterais (TRASCH et al., 2007).

Todavia, o tratamento medicamentoso deve ser instituído apenas para fêmeas em idade reprodutiva, utilizadas como reprodutoras, apresentando sinais clínicos e alterações laboratoriais brandas, com ausência de endotoxemia (JOHNSTON et al., 2001).

O objetivo deste relato foi documentar um caso de piometra tratada com o uso da aglepristone em uma cadela reprodutora de dois anos de idade, descrevendo a evolução do quadro até o desenvolvimento de nova gestação no ciclo subsequente.

RELATO DE CASO

Foi atendido no Setor de Obstetrícia e Reprodução Animal, no Hospital Veterinário "Governador Laudo Natel" da FCAV/Unesp Câmpus de Jaboticabal, uma fêmea canina da raça daschund, de dois anos de idade, utilizada como reprodutora. A anamnese revelou que o animal havia sido acasalado por monta natural com cão da mesma raça e que após o acasalamento, a fêmea apresentou secreção purulenta e sinais de apatia e hiporexia.

Ao exame físico foram constatadas apenas reatividade dos linfonodos poplíteos e presença de secreção vaginal mucopurulenta em pequena quantidade. No exame hematológico e bioquímico não foram verificadas alterações. Contudo, na avaliação ultrassonográfica abdominal foi possível visibilizar formações circulares anecóicas em topografia de útero, com diâmetro variando entre 0,5 a 0,8 cm e discreto espessamento de parede, alterações compatíveis com o diagnóstico de piometra.

Por se tratar de fêmea de interesse reprodutivo e sem alterações sistêmicas graves, foi iniciado o tratamento com aglepristone (Alizin®, Virbac) na dose de 0,33 mL/Kg, por via subcutânea (JURKA et al., 2008), nos dias 1, 2, 8, 15 e 30, conforme descrito por Lennoz-Roland (2005). Concomitantemente, instituiu-se terapia suporte com administração de fluidoterapia intravenosa no dia 1 e antibioticoterapia com amoxicilina (20mg/Kg/BID PO) durante todo o período de tratamento.

Previamente a cada aplicação de aglepristone, realizou-se anamnese, exame físico e ultrassonográfico de modo a acompanhar a diminuição do diâmetro uterino, bem como seu conteúdo. O exame hematológico repetido no dia 8 também não

apresentou alterações. No dia 15 do protocolo, já era notável a regressão do lúmen uterino (diâmetros entre 0,2 e 0,4 cm).

No dia 30, último dia do tratamento, notou-se ausência de secreção vaginal, e a ultrassonografia revelou regressão completa do útero. O exame hematológico manteve-se dentro da normalidade. Em vista do resultado, suspendeu-se também a amoxicilina, sendo dada alta ao animal.

Um mês após término do tratamento o animal apresentou cio e foi acasalado por monta natural. A gestação foi confirmada por exame ultrassonográfico realizado aos 55 dias da data do acasalamento. Cinco dias depois, a fêmea retornou ao atendimento com quadro de distocia por atonia uterina (já havia parido 2 filhotes), sendo necessária a remoção dos outros dois (um já estava morto) por meio de cesariana. A recuperação da mãe e dos filhotes deu-se sem complicações. Um ano após o procedimento, nova avaliação, clínica e ultrassonográfica foram realizadas para controle e não foi constatado qualquer sinal de recidiva da piometra.

A idade da fêmea (dois anos) destoa da média de idade (7,25 anos) apresentada pelas fêmeas com piometra (JOHNSTON et al., 2001). No entanto, ainda se enquadra na faixa etária descrita por Johnston et al. (2001), de 4 meses a 16 anos. Uma explicativa para a piometra precoce é a contaminação ascendente por bactérias da própria microbiota vaginal facilitada pelo coito, assim como referido por Faldyna et al. (2001). Ademais, não foi verificada a concomitância de hiperplasia endometrial cística (HEC), corroborando com afirmativa de Verstegen (2008), em que a piometra pode ocorrer em cadelas jovens sem associação a HEC.

A presença de secreção vaginal, como consequência da abertura cervical, colaborou para a não severidade da doença, caso contrário, os riscos de septicemia e morte são altos (SMITH, 2006).

Como auxílio diagnóstico, optou-se pela realização da ultrassonografia, de modo a agilizar a detecção das alterações uterinas, como descrito por Tello et al. (1996) e Martins (2007), sendo possível avaliar a forma, tamanho e conteúdo uterino, confirmando a presença de secreção no lúmen em toda sua extensão.

A opção pelo tratamento medicamentoso foi baseada nas indicações de Johnston et al. (2001): cadela jovem, em bom estado clínico e de interesse reprodutivo. A escolha do medicamento foi fundamentada nos bons resultados reportados na literatura na recuperação da capacidade reprodutiva e ausência de efeitos colaterais (VERSTEGEN, 2008). O protocolo empregado (dias 1, 2, 8 e se necessário nos dias 15 e 30) foi adaptado de Lennoz-Roland (2005) e mostrou-se efetivo, sem reação adversa e sem acarretar alterações nos exames hematológicos e dosagens bioquímicas.

Assim como descrito por Fieni et al., (1996) e Galac et al. (2000), houve um encurtamento na duração do anestro da fêmea, devido ao estímulo hipotalâmico causado pelo aglepristone, desencadeando a liberação do FSH e o desenvolvimento de um novo estro fértil aproximadamente um mês após início do tratamento, sendo possível o acasalamento, gestação e nascimento de filhotes viáveis.

Nas clínicas veterinárias é crescente a busca por abordagens não cirúrgicas para o tratamento da piometra. Neste quesito, o

emprego da aglepristone demonstrou ser uma opção segura e eficiente, além de representar uma alternativa para aqueles animais que não podem ser submetidos à anestesia geral. A manutenção da eficiência reprodutiva do animal e a ausência de recidiva são outros pontos importantíssimos para atestar a viabilidade do medicamento.

Considerando-se os benefícios da utilização da aglepristone, as barreiras para sua utilização são a baixa disponibilidade no mercado e o custo elevado do tratamento. Desta forma, a divulgação de seus benefícios aos clínicos de pequenos animais e a ampliação de seu uso pode fazer com que se torne uma ferramenta valiosa no tratamento de doenças reprodutivas em animais de companhia, especialmente naqueles de alto valor zootécnico.

REFERÊNCIA

- Chaistein CB, Panciera D, Waters C. 1999. Associations between age, parity, hormonal therapy and breed, and pyometra in Finnish dogs. *Small Animal Endocrinology*. 9: 8-14.
- Faldyna M, Laznicka A, Toman M. 2001. Immunosuppression in bitches with pyometra. *Journal of Small Animal Practice*. 42(1): 5-10.
- Fiene F, Tainturier D, Bruyas JF. et al. 1996. Etude clinique d'une anti-hormone pour provoquer l'avortement chez la chienne: l'aglepristone. *Recueil Medecine Veterinaire*. 172: 359-367.
- Galac S, Kooistra HS, Butinar J. et al. 2000. Termination of mid-gestation pregnancy in bitches with aglepristone, a progesterone receptor antagonist. *Theriogenology*. 53: 941-950.
- Grunert E, Birgel EH, Val WG. 2005. *Patologia e Clínica da Reprodução dos Animais Mamíferos Domésticos: Ginecologia*. Editora Varela, São Paulo, p.432-443.
- Johnston SD, Kustritz MV, Olson PNS. 2001. *Canine and feline theriogenology*. Saunders, Philadelphia, p.
- Jurka P, Max A, Hewrynska K. et al. 2008. Age-related pregnancy results and further examination of bitches after aglepristone treatment of pyometra. *Reproduction Domestic Animal*. 45:525-529.

Lennoz-Roland M. 2005. Practical use of aglepristone – review of experts meeting. *Villefontaine France*. 17:7-8.

Martins DG. 2007. *Complexo Hiperplasia Endometrial Cística/ Piometra em cadelas: fisiopatogenia, características clínicas, laboratoriais e abordagem terapêutica*. 54f. Jaboticabal, SP. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista.

Smith F. 2006. Canine pyometra. *Theriogenology*. 66: 610-612.

Tello L, Martin F, Valdés A. et al. 1996. Estudio comparativo de signos ecográficos, radiográficos y postquirúrgicos en 50 perras con piometra. *Archives de Medicine Veterinary*. 28(1):137-143.

Trasch K, Weherend A, Bostedt H. 2007. Ultrasonografic description of canine mastitis. *Veterinary Radiology and Ultrasound*. 48(6):580-584.

Verstegen JP. 2008. Fisiología y endocrinología de la reproducción en la gata. In: Simpson GM, England GCM, Harvey MJ. (Eds). *Manual de reproducción y neonatología en pequeños animales*. Reino Unido, BSAVA, p.15-22.